

A planificação de atividades para a leitura e educação literária: do professor-leitor ao leitor em formação

Um percurso de leitura

Maria Vitória de Sousa

Do professor ao aluno

1. Ler o texto com olhos de ver:
 - 1.1. O texto
 - 1.2. As razões
 - 1.3. As potencialidades
2. Dar a ler para compreender e interpretar:
 - 2.1. Competências
 - 2.2. Estratégias/atividades
 - 2.3. Elaboração de questões

Apresentação

Nome da sequência: ler ao lado do narrador

Contexto: estratégias para trabalhar a progressão textual e temática

Anos de escolaridade: 4.º, 6.º e 7.º

Duração estimada:

Domínio: leitura e Educação Literária

Competência: Leitura

Roteiro

Atividade 1: *Sem dar conta...*

Atividade 2: Passo a passo

Competência: *Compreensão escrita; Educação literária.*

Objetivos e descritores de desempenho:

1. Apropriar-se de novos vocábulos:
 - 1.1. reconhecer o significado de novas palavras.
2. Organizar os conhecimentos do texto:
 - 2.1 identificar, por expressões de sentido equivalente, informações contidas explicitamente num texto narrativo;
 - 2.2. identificar o tema ou assunto do texto e distinguir os subtemas;
 - 2.3. ler em voz alta com articulação e entoação corretas;
 - 2.4. fazer inferências.

Conteúdos associados: *acento, entoação, pausa* (PPEB, 1.º e 2.º ciclos);

Guião para o professor

A_Porquê este texto?

É uma narrativa breve, em primeira pessoa, que se desenvolve num processo aparentemente fluente. A história é elaborada a partir do sentido das palavras, numa estrutura de problema-solução. O narrador vê uma montanha de areia no quarto, a Duna; fica a saber que dunas são montanhas nómadas; quando a quer mostrar à irmã, não encontra rasto de areia. O que aconteceu? Fica a saber o que quer dizer nómada, o que lhe permite, então, compreender que a montanha de areia mudara de lugar de acordo com a sua natureza.

O que concede um interesse particular ao conto é o facto de a solução não surgir explícita, estando esta dependente da interpretação do conteúdo do texto e/ou do conhecimento lexical do aluno. A ficção (ou fantasia) inicia-se quando o narrador observa a areia no chão e lhe concede o dom da comunicação. O leitor adquire um papel ativo na construção do conteúdo pelas omissões textuais que tem de preencher para construir os diversos momentos do episódio através de inferências espaciais: origem da Duna na

praia; apresentação da Duna no quarto; questionamento da irmã fora do quarto; regresso ao quarto; por toda a casa.

B_ Olhar com olhos de ver

I.

“Por andar sempre aos búzios na praia, foi-se formando uma montanha de areia no meu quarto. Trazia-a nos sapatos, pouco a pouco, sem dar conta.”

Cenário de respostas:

1. Que palavras nos remetem para o facto que dá origem à história?
... foi-se formando uma montanha de areia...
2. Que palavras nos reportam a causa desse facto?
Por andar sempre aos búzios na praia,
3. Que palavras nos dão a sensação de continuidade, de duração da ação?
...sempre..., ... foi-se formando..., ... pouco a pouco...
4. Que palavras nos remetem para o espaço da ação?
... na praia, ... no meu quarto.
5. Que palavras nos indicam o narrador?
... no meu quarto.
6. Que palavras nos remetem para o modo a maneira como o facto ocorreu?
Trazia-a nos sapatos...
7. E como ficamos a saber o narrador percepcionou esse facto?
..., sem dar conta.

Notas para um olhar mais profundo

Coesão interfrásica_ organizador textual (Por andar)

_ pontuação (ponto final)

Coesão frásica_ ordem das palavras na frase/regência de preposições;

Coesão referencial_ deícticos: meu quarto (remete para o enunciador);

_ anáfora pronominal: Trazia-a (areia)

*_ elipses: ~~Eu~~ trazia-a nos sapatos, ~~eu~~ trazia-a pouco a pouco, sem ~~eu~~ dar conta
~~de que a trazia dentro dos sapatos.~~*

Coesão temporal_ advérbio (sempre) e o tempo verbal (foi-se formando)

_ expressão de tempo em correlação com o tempo verbal: “Trazia-a... pouco a pouco, ...”

Coerência _

regra da repetição:

a repetição neste parágrafo assegura não só a coesão como também a progressão temática. O parágrafo vai progredindo pela retoma anafórica e pelas elipses.

regra da relação:

qual a relação entre os factos? O facto de se ter formado uma montanha de areia deve-se a uma razão específica (explícita e implícita), o narrador trazia-a para o quarto, nos sapatos, quando ia apanhar búzios na praia. O leitor constrói uma imagem mental do processo, recorre ao seu conhecimento pessoal e/ou a experiência. O parágrafo inicia-se com uma construção frásica (organizador discursivo causal) que destaca o facto que origina o tema do texto – as dunas. O título pode constituir um índice para o leitor.

II.

“— Chamo-me Duna — parecia dizer.
— As dunas são montanhas nómadas — disse-me a minha irmã.
— Eu tenho uma — respondi-lhe.
— Ah, sim? Onde?
— Vem comigo.”

Cenário de respostas:

1. Em que se distingue este novo discurso?

O texto surge marcado pela pontuação que caracteriza a transcrição de diálogos.

2. Que elementos do texto mostram que a história continua?

a. O narrador reproduz uma fala que atribui à montanha de areia (*parecia dizer*).

b. Personifica-a e concede-lhe identidade.

c. Retoma o tema (*Eu tenho uma – respondi-lhe*).

3. Que novos elementos surgem?

a. O narrador introduz uma nova personagem, reproduzindo uma nova fala que atribui, então, à irmã (disse-me a minha irmã);

b. dá origem a um desenvolvimento da ação introduzido pela atitude curiosa da irmã (– Ah, sim? Onde?);

c. o espaço é igualmente retomado através de uma informação já conhecida (a montanha de areia está formada no quarto).

4. Imagine que tinha de fazer uma banda desenhada representando o que fez o narrador. O que desenharia em cada um dos quadradinhos?

O narrador no quarto ouve a montanha falar.

Sai do quarto em direção a...

Em ... pergunta à irmã o que são dunas.

Desperta a curiosidade da irmã dizendo-lhe que tem uma.

Convida-a, enquanto saem do quarto.

5. Acha que esses elementos fazem falta no texto?

Esses elementos/informações são produzidas pelo próprio leitor através de inferências. Enquanto lê vai construindo uma imagem mental.

6. Que valor acrescenta ao texto, este apelo à colaboração do leitor?

As omissões concedem fluência e leveza ao texto e estabelecem cumplicidade com o leitor. É como se o narrador nos contasse uma anedota em que o que interessa é chegar ao fim e descobrir onde está a graça.

Notas para um olhar mais profundo

Coesão interfrásica_ pontuação (travessão como marcador de discurso direto; entoação, pausa)

_ organizador textual: interjeição traduzindo uma função emotiva que remete para o contexto de enunciação e corresponde a uma atitude do falante

Coesão referencial_ retoma anafórica : Chamo-me Duna; ... disse-me...- respondi-lhe

_ elipse: ~~Eu~~⇒~~montanha de areia~~ Chamo-me Duna – parecia ~~ela~~⇒~~montanha de areia~~ dizer.

_ deítico: ...a minha irmã. Remete para a personagem/ narrador

Coesão lexical_ hiperonímia: Duna→ dunas, repetição do vocábulo mudando a subclasse do nome.

Coerência_a continuidade temática é dada pela retoma do tema (dunas) através de um enunciado explicativo (dunas são montanhas explicativas) que atribui uma propriedade ao objeto (montanhas nômadas). Essa informação é introduzida pelo deítico que remete para o contexto situacional: um diálogo entre o narrador e a irmã após esta ter sido interrogada sobre o que era uma duna. Observe-se igualmente que o leitor recebe novas informações que provocam o avanço da narrativa. É aqui exigida a colaboração do leitor para compensar uma omissão textual que deverá ser inferida, tal como a idade dos irmãos (uma irmã mais velha?), ou o lugar onde ocorre a conversa (no quarto? fora do quarto?).

III.

“Quando chegámos, o meu quarto estava cheio de búzios e vazio de montanhas.

— O que quer dizer nómada? — perguntei-lhe.

Desde então, ronda por minha casa uma montanha nómada, a Duna.

Como vive aqui desde pequena, não foge, mesmo tendo sempre a porta aberta.”

Cenário de respostas:

1. Que enunciado nos dá a saber que ocorreu uma reviravolta na história?

... o meu quarto estava cheio de búzios e vazio de montanhas.

2. Como ficamos a saber a reação do narrador perante essa reviravolta?

Pela pergunta que dirige à irmã que se relaciona com a primeira explicação que esta lhe deu.

3. Qual terá sido a resposta da irmã?

Uma montanha nómada muda de lugar, ora está aqui, ora acolá.

5. Como classificaria este escritor relativamente ao papel do leitor?

Exigente..., criativo..., interativo..., confiante

Notas para um olhar mais profundo

Coesão interfrásica _ pontuação: travessões no discurso, interrogação, pausa, entoação

_subordinação/causalidade: Como vive aqui...

_subordinação/concessão: ...mesmo tendo..

Coesão frásica _ subordinação (conector temporal, quando)

_ordenação das palavras na frase (subordinada precede subordinante)

_ início de um jogo de pergunta-resposta através de um organizador textual

Coesão referencial _ elipse: Quando [-]chegámos, - [-]perguntei; Como [-]vive aqui desde pequena, não [-] foge, mesmo [-]tendo sempre a porta aberta.

_ deítico: o meu quarto (remete para o contexto situacional do enunciador)

_anáfora pronominal: perguntei-lhe

_ retoma anafórica: vive aqui

Coesão lexical _ antonímia: ... cheio de búzios e vazio de montanhas.

_expressão adverbial: Desde então

_ repetição: – O que quer dizer nómada?; ... uma montanha nómada, a Duna. (o artigo definido “a” tem o efeito de especificar o grupo nominal “a Duna”. Duna é uma entidade única, com um nome próprio.)

Coesão temporal _ emprego correlativo dos tempos verbais: Quando chegámos, o meu quarto estava...

_expressão adverbial: Desde pequena, ...; ...tendo sempre a porta...

Coerência textual e lógico-concetual _

_ verifica-se a continuidade através da retoma de referentes relativos ao tema (dunas) e ao contexto situacional (personagens, relações, espaço e ação/movimentação. Pressupõe-se/inferre-se a atitude do narrador através da antonímia que intensifica o vazio de montanhas.

_recorre-se aqui ao conhecimento do leitor para o restabelecimento de relações lógicas entre as situações. O enunciador procura uma resposta para a ausência das montanhas de areia; retoma a informação recebida na conversa inicial com a irmã e....

_ de novo uma omissão de texto para ser preenchida pelo leitor. Pressupõe-se que a resposta da irmã justifique o desaparecimento da duna, satisfazendo assim a surpresa do enunciador. Mas a história não fica por aí. O narrador retoma o tema no parágrafo seguinte.

_ as lacunas textuais apelam de novo ao leitor que é conduzido a uma pesquisa da coerência lógico-concetual. Em que medida aceita as aparentes incoerências: uma duna falante, montanhas nômadas que rondam pela casa com vontade própria? A análise da coesão textual justifica a ordenação lógica das situações apresentadas, assim como as relações lógicas entre as mesmas; resta agora a aceitação de atributos humanos a um elemento da natureza, as dunas. De que se pode servir o leitor para se pronunciar pela coerência do texto aceitando-o como pertença do mundo ficcional? Procure-se a obra, observem-se os elementos paratextuais da obra: Duna é a primeira história de Diógenes, um rapazinho cujo hobby é colecionar coisas, que vive numa família de colecionadores; a capa e as ilustrações ao longo do livro levam o leitor mais realista a aceitar o texto como coerente.

Duna

Por andar sempre aos búzios na praia, foi-se formando uma montanha de areia no meu quarto.

Trazia-a nos sapatos, pouco a pouco, sem dar conta.

— Chamo-me Duna — parecia dizer.

— As dunas são montanhas nômadas — disse-me a minha irmã.

— Eu tenho uma — respondi-lhe.

— Ah, sim? Onde?

— Vem comigo.

Quando chegámos, o meu quarto estava cheio de búzios e vazio de montanhas.

— O que quer dizer nómada? — perguntei-lhe.

Desde então, ronda por minha casa uma montanha nómada, a Duna.

Como vive aqui desde pequena, não foge, mesmo tendo sempre a porta aberta.

C_Dar a ler para compreender e interpretar

Atividade 1: Sem dar conta...

Tarefas

1. O professor inicia a atividade formulando uma questão: “O que podemos trazer da praia sem querer?”

2. O professor suscita a atenção dos alunos para a leitura oral docente: “Ouçam então este pequeno conto e descubram o que tem a ver com a pergunta que vos fiz?”
3. O professor verifica a compreensão oral global através das intervenções dos alunos.
4. Disponibiliza o texto para leitura silenciosa e solicita comentários que aprofundem a verificação da compreensão escrita.
5. Solicita leitura oral dialogada.
6. Dirige-se à aluna que assume o papel da irmã e pede-lhe que responda ao narrador.

Material para o aluno:

Duna

Por andar sempre aos búzios na praia, foi-se formando uma montanha de areia no meu quarto. Trazia-a nos sapatos, pouco a pouco, sem dar conta.

— Chamo-me Duna — parecia dizer.

— As dunas são montanhas nómadas — disse-me a minha irmã.

— Eu tenho uma — respondi-lhe.

— Ah, sim? Onde?

— Vem comigo.

Quando chegámos, o meu quarto estava cheio de búzios e vazio de montanhas.

— O que quer dizer nómada? — perguntei-lhe.

Desde então, ronda por minha casa uma montanha nómada, a Duna.

Como vive aqui desde pequena, não foge, mesmo tendo sempre a porta aberta.

In *Diógenes*, de Pablo Albo (autor) e Pablo Auludell (ilustrador).
Matosinhos: Kalandraka (2010)

Atividade 2: *Passo a passo...*

Guião para o professor

Pretende-se agora que os alunos assinalem, num conjunto de itens, frases verdadeiras ou falsas comprovadas no texto, e frases coerentes que não vêm no texto. A formulação dos enunciados obedeceu à preocupação de desenvolver um perfil de leitor mais ativo na procura do sentido do texto. A justificação solicitada (2.) exige a recorrência ao texto; com a alínea 3. introduz-se a discussão subsequente.

Material para o aluno

Passo a passo

Já li o texto e conversei sobre o que o narrador me contou.

1. Assinalo agora, com um X nas colunas A e B, as frases falsas e as frases verdadeiras, e na coluna C as frases coerentes, mas que não vêm no texto.
2. Justifico as opções de cada uma das colunas:
Coluna A_ verdadeiras, transcrevendo frases do texto;
Coluna B_ falsas, e **C_** coerentes, com palavras minhas
3. Preparo-me para defender as minhas opções.

Frases para pensar e descobrir	A_Verdadeira	B_Falsa	C_Não vem no texto, mas é coerente
1. O narrador vive na Serra da Estrela.			
2. A areia vinha nos búzios.			
3. A montanha de areia surgiu de um dia para o outro			
4. O rapaz não sabia que trazia a areia			
5. A montanha de areia apresentou-se à irmã do narrador.			
6. O narrador perguntou à irmã o que é uma duna.			
7. A irmã do narrador mostrou-se curiosa.			
8. No quarto não viram areia nenhuma.			
9. O narrador compreendeu logo o que tinha acontecido no quarto.			
10. A irmã ajudou o narrador a encontrar uma razão para Duna não estar no quarto.			
11. Duna voltou ao quarto do narrador.			
12. Quando a Duna quer entrar em casa bate à porta.			

Cenário de resposta

coluna A_

F4_ *“Trazia-a nos sapatos, pouco a pouco, sem dar conta.”*

F7_ *“— Ah, sim? Onde?”*

F8_ *“... o meu quarto estava cheio de búzios e vazio de montanhas.”*

F10_ *“— O que quer dizer nómada? — perguntei-lhe.*

Desde então, ronda por minha casa uma montanha nómada, a Duna.

Coluna B_

F1_ O narrador tinha de viver junto ao mar para andar sempre a apanhar búzios. A serra da Estrela fica muito distante da praia, ... Também podíamos pensar que ele estava de férias, mas repara que a Duna continua a vaguear pela casa, ainda hoje...

F3_ Para se formar uma montanha era preciso muito tempo.

F6_ Nunca poderia ser porque a irmã não a viu no quarto.

F5_ Se a irmã lhe disse o que eram as dunas, então ele tinha-lhe feito a pergunta.

F9_ Ele ficou intrigado, pensou e teve de fazer uma pergunta à irmã para descobrir a razão do desaparecimento da montanha de areia.

Coluna C_

F2_ Os búzios são escavados, podia ter muito bem ter acontecido que trouxessem areia escondida.

F11_ A Duna circula pela casa toda, naturalmente terá voltado a entrar e a sair do quarto.